

A IMPORTÂNCIA DA PALAVRA

Prof. Dr. Amós Coêlho da Silva (UERJ)

Resumo: A história das palavras e a relatinização no dicionário português. A leitura poética de uma expressão. Leituras em perspectiva comparada tanto a partir da História como pela fundamentação intertextual, a) do romance *Ben-Hur: uma História dos Tempos de Cristo*, de Lewis Wallace e o simbolismo de “cavalo” como jogo poético; b) do humor homérico na passagem do encontro entre Ulisses e Polifemo na *Odisseia*.

Palavras-chave: etimologia; simbolismo; história; intertextualidade.

THE IMPORTANCE OF THE WORD

Abstract: The history of words and relatinization in the Portuguese dictionary. The poetic reading of an expression. Comparative perspective readings both from history and from the intertextuality: a) from the novel *Ben-Hur: A Tale of the Christ* by Lewis Wallace and the symbolism of "horse" as a poetic game; b) from the Homeric humor in the passage of the meeting between Ulysses and Polyphemus in the *Odyssey*.

Keywords: etymology; symbolism; History; intertextuality

1- Introdução

Não é verdade que Ferdinand de Saussure (1857 - 1913) quisesse anular os estudos diacrônicos da Linguística, quando rompeu com a tradição dos neogramáticos. O que ele evitou foram, em geral, as posições positivistas, como a adoção de “leis fonéticas”. A noção de lei foi introduzida na pesquisa linguística por analogia aos estudos das ciências físicas. Contudo o tubo de ensaio, no campo da investigação física, exclui a presença da interferência humana, como o fato científico de a água passar do líquido ao gasoso quando experimenta uma dada temperatura, independe da presença humana e de laboratório humano. É uma observação da φύσις, ‘phýsis’, *natureza*...

Ciência é um saber metódico, que busca explicar de modo racional e objetivo uma realidade. Trata-se de uma aquisição intelectual mais ou menos organizada e sua transmissão se sucede pela via educacional. Porém, esta apropriação do real deve ser tomada nas suas relações universais e deve ser aplicável às necessidades humanas, num jogo de causas e efeitos.

A fase histórica de pesquisa social do século XIX foi positivista; hierarquizou as ciências físicas, nesta ordem: matemática, astronomia, física, química, biologia, e, conforme a concepção dos criadores de princípios sociais, se denominavam, no pensamento científico oitocentista, como sociológicos; destaque-se aqui Augusto Comte

(1798 - 1872). Entretanto, a sua percepção era política, e não científica; se endereçava à ordem e ao progresso¹. Michel Foucault (1926 - 1984) foi quem introduziu na linguagem filosófica o termo “episteme”, que provém do grego e significa “ciência, conhecimento”. A disciplina epistemologia é sinônimo de teoria do conhecimento, sua abordagem é multifacetada e proteica e deve realçar as relações entre o sujeito indagador e o objeto observável, conforme o ramo de saber, uma visão crítica, avaliando a validade de conhecimento através da causa e efeito.

A ciência, no campo filológico, depende da interferência humana; é recomendável observar uma relatividade na história das palavras no tempo e no espaço. Uma das ações do falante provém da analogia, como se justifica a não queda do “-l-” intervocálico na evolução² cronológica do termo do Latim Vulgar *pilu* > *pelo* (*cabelo*), justamente porque forma analogia com *capillu* > *cabelo*; ora, a “lei fonética”, atualmente é preferível “mudança fonética”, da geminada “-ll-” > mantém o “-l-” intervocálico, mas, como a quarta proporcional, ou seja, a analogia, não permitiu a queda do “-l-” intervocálico em *pilu*, o que não ocorrerá em “mala” (má) que resulta em síncope do “-l-” intervocálico: *mal-a* (má) > *maa* e, depois, se fixou em “má”...

Qual é importância dessa investigação? É a interpretação que admite, por exemplo, “má-formação”, cuja configuração formal se dá em função de uma composição via Latim Vulgar, ou seja, com a queda do “-l-” e em “malformação”, com datação do século XX e preferido uso da linguagem médica, tem configuração formal por via erudita, isto é, trazida diretamente do Latim Clássico³. A opção erudita é uma forma de enriquecimento vocabular e teve início no Renascimento literário, que foi a ocasião da relatinização do português, ou melhor, recorria-se ao latim Clássico e recuperavam-se termos extraviados no perfil histórico do vocabulário do Latim Vulgar, como “podestade” é atestado em 1200 e o poeta renascentista confirmou a relatinização do Latim Clássico, “potestade” no episódio do Gigante Adamastor.

Há de se distinguir fatos sincrônicos de diacrônicos, pois em “comer” desapareceu o ‘-ed-’ e um dado estágio nos ofereceu “comeer”, que nos deu “comer”, donde se pode apontar o radical “com-”, que contraria a possibilidade sincrônica etimológica de “edere”... Aqui temos, pois, duas leituras: 1) diacrônica, como os

¹ Dada a sua influência política na Constituição da inauguração da República brasileira no século XIX, é que temos o lema “Ordem e Progresso”.

² Os termos “evolução” e “lei fonética” são de origem positivista. “Evolução” terminou por se fixar como categoria linguística.

³ O Houaiss Eletrônico recomenda como melhor “má-formação”.

dicionário registrará a origem no latino “edere” (comer) e 2) sincrônica: “com-”, como se viu acima.

Então, o que evitou Saussure foram as mutilações, exageros de exceções em apontar o verbo “pôr” como da quarta conjugação, criando uma exceção de paradigma. Acontece que durante o flexionismo, a vogal temática aparecerá; pões, põe - “-e-” para indicar a segunda conjugação.

Em sua obra póstuma, ele registrou a construção da leitura da língua como um jogo de xadrez. Assim, mesmo fazem os poetas. Recriam a História como jogo não de oposições dicotômicas, mas pelo viés do paradoxo.

2- Da resistência ao paradoxo

In PORTELLA, 1979, o ensaio de Muniz Sodré, intitulado, *Semiologia e Literatura*, se estende da página 162 a 171 e examina as palavras como *imago mundi*, *imagem do mundo*, como na página 162, afirma:

Toda literatura implica numa “semiose”, isto é, num processo de significação cuja produção está ligada ao valor artístico. O alcance profundo desse valor deve ser buscado na articulação do texto literário com a História. Em outras palavras, o valor artístico de uma obra parece residir na maior ou menor apreensão que o texto realiza da situação do ser humano confrontado com a realidade da História e do Inconsciente (em especial, o mito, mantido pelas formações discursivas do Inconsciente). Isto não significa que o texto literário contenha a figuração da aparência da estrutura social (ou seja, do real histórico), mas que contém aquilo que ficou latente na História, já que não foi dito pela linguagem. Assim, a obra indica uma falta, uma ausência, que repercutem no homem. É, portanto, uma lacuna de História que transparece, como palavra não pronunciada, no texto literário.”

O poeta só consegue isso porque impregna de simbolismo a sua expressão de linguagem, uma vez que dispôs um jogo de significações simbólico-culturais, carregando as palavras com matizes novos. De modo que a História registra o braço militar do romano na sua expansão geopolítica severa. Consegue aqui e ali sucesso, como por

exemplo, obteve a dominação sobre os gregos com quase pleno sucesso. Não o conseguiu plenamente em Israel, em relação ao povo judeu.

Neste caminho que estamos trilhando podemos tomar como exemplos múltiplas situações de palavras simbólicas. O termo *equus* latino não passará, a não ser via erudita, para o português, porque é uma expressão que só circula, pragmaticamente, dentro da nobreza da Roma Antiga: os patrícios. Só eles possuíam um *equus*, a raça de cavalo puro-sangue em oposição a *caballus*, *cavalo de carga* - conforme um uso pragmático dos objetos. Tem razão Charles Sanders Peirce (1839- 1914), porque é exatamente o que ocorre com os dois termos latinos.

O romance *Ben-Hur: A Tale of the Christ*, *Ben-Hur: uma História dos Tempos de Cristo*, de Lewis Wallace (1827 – 1905), é listado como um clássico no cânone da literatura mundial; se tornou um épico com múltiplas versões cinematográficas contra quaisquer desgastes que a mídia capitalista costuma banalizar: o romance escrito é, de fato, o que ultrapassa esta linha, porque também foi adaptado no teatro.

A mensagem do filme, em síntese, é a resistência do povo judeu contra a escravidão, imposta por militarismo poderoso, como o de outrora com Nabucodonosor II, rei da Babilônia. Os implícitos do filme são o que Bíblia denomina de Terra de Canaã, Terra da Promissão, Terra Santa, Judeia... Desde um dia peregrinaram sob o comando de Moisés, para conquistarem a Palestina aos Filisteus e outros habitantes locais... A Diáspora Judaica é a dispersão forçada dos judeus pelo mundo a fora... A História, diferentemente da Bíblia, a compreende como uma usurpação da cultura judaica pelo poderio militar de outros povos. A Primeira Diáspora, a de Nabucodonosor II, fora a dispersão judaica para Mesopotâmia... A outra, eles vieram, mais tarde, a experimentar com o militarismo romano, cuja ditadura militar, destruidora de Jerusalém, se configurará em uma Segunda Diáspora... Também Israel é o Estado que simboliza o fator de nacionalismo, a importância nacional do berço⁴ de uma gente, conforme uma leitura histórica desde 1948. É neste implícito que entra o olhar poético de Wallace...

Messala fora outrora um irmão adotivo do nobre judeu Judah Ben-Hur. Um incidente causado pela irmã de Ben-Hur, promove a ira de Messala que rompe a antiga consideração fraternal, torna-se inimigo e, dado o seu poderio militar em Roma, condena Ben-Hur às galés, como escravo, e a respectiva família ao exílio do leprosos... Sabe-se que a lepra, na época, exilava os doentes para fora das cidades com terríveis restrições sociais...

⁴ Em latim, “natio, -onis” é “nascimento; nação, povo; o gentio...”

Ben-Hur supera o que se poderia denominar de “prova iniciática” de um herói: consegue superar as galés e torna-se um excelente cuidador de cavalos de haras de um árabe. É assim que os cavalos (*equi*) do militar romano Messala correram contra os puros-sangues árabes de Ben Hur. Como um *equus* fosse um puro-sangue, aliás o orgulho romano, o termo *equus* não passou para o português historicamente, cuja formação, como se sabe, tem a base do Latim Popular, e não a do Latim Erudito dos nobres romanos como a vemos no atual dicionário, que está repleto de relatinizações, como as derivações do étimo mórfico “equ-” (cavalo): *equitação*, *equino* etc.

Coube a Ben-Hur a vitória sobre o império romano. Esta vitória é a glória dos judeus contra a opressão ao elemento nacional.

Consultemos mais uma vez Benveniste sobre:

o poder fundador da linguagem, que instaura uma realidade imaginária, anima as coisas inertes, faz ver o que ainda não existe, traz de volta o que desapareceu. É por isso que tantas mitologias, tendo de explicar que no início alguma coisa pôde nascer do nada, propuseram como princípio criador do mundo essa essência material e soberana, a Palavra. (...)

Na Bíblia, se lê *Fiat lux, faça-se a luz* (Gên. 1.3) - antes era o vazio, não havia forma, apenas o Espírito de Deus se movia sobre a superfície da água... Dito de outro modo: é pelo “verbum” que Deus criou o mundo...

O Homem se ergue acima dos irracionais devido à sua condição de simbolizar e como o afirma Benveniste (p. 45): *O homem inteiro é um signo, seu pensamento é um signo, sua emoção é um signo*. A filosofia investiga os arcanos do Homem como *animal ridens* ou *homo sapiens*. O Poeta colabora também com símbolos sobre o Homem. Ora, Ernst Cassirer (II - *Uma Chave para a Natureza do Homem: o Símbolo*: 51) chama o Homem, na sua interação temporal ou espacial, de *animal symbolicum*. A tessitura poética se projeta diluída num amálgama de linguagens, verbal e não verbal, como a própria etimologia de *symbolicum*: ‘sym’, reunião, ‘-bol’, lançar, ‘icu-’, relativo a –lança(-r/-do) ao mesmo tempo.

Pode o poeta se valer de uma máscara, como outrora este instrumento fizera parte de ritual sagrado em sociedades primitivas, como fórmula mágica de defesa contra a interferência do sobrenatural. A máscara, no teatro greco-latino - embora presente esmaecido o sagrado que auxilia na expressão dramática da dor, na tragédia, do riso, na

comédia - ainda assim, é capaz de amalgamar ator e personagem e identificá-lo como um espectador interativo.

Herdamos, portanto, no mundo ocidental, a “personagem” que, através do neologismo francês “personnage”, vem do latim *persona*, com o sentido original de “aquele que fala/ emite som (*sona*) através de (*per*)”, isto é, o ator. A *poíesis* é uma ação lúdica que lembra uma arcaica experiência estética, enraizada no nosso interior, mas que sobrevive desviada ou dispersa nas interações sociais. Tal desvio condensa ou concretiza um *homo ludens*, ou seja, um disfarce ou uma máscara social. Citemos Johan Huizinga (1980; 30):

A etnologia demonstrou a imensa importância social (...) todo indivíduo culto sente perante a máscara uma emoção estética imediata, composta de beleza, de temor e de mistério. Mesmo para o adulto civilizado de hoje, a máscara conserva algo de seu poder misterioso, inclusive quando a ela não está ligada emoção religiosa alguma. A visão de uma figura mascarada, como pura experiência estética, nos transporta para além da vida quotidiana, para um mundo onde reina algo diferente da claridade do dia: o mundo selvagem, da criança e do poeta, o mundo do jogo.

A nossa pesquisa se orienta com a contribuição da intertextualidade, mas observando o Poeta na sua diferente interação, partilhável em sua ação ou mesmo em ação mútua, não propriamente de observado, mas de solicitado, do latim: *sollicitus*, “*De sollus et citus*” (ERNOUT & MEILLET, 1985: SOLLICITUS), *revolver inteiramente, mover “sintagmas”* (“*sollus*” significa “inteiro”), tendo por suporte a semiologia.

O canto VIII da *Odisseia* ilustra nossa proposta. Ulisses ainda está acolhido como hóspede do rei Alcínoo e, ao ouvir o aedo Demódoco cantar os seus feitos, se emociona, mas só assume uma enunciação no canto IX, identificando-se, com a expressão “Eu sou Ulisses”, verso 17, para o rei dos feaces, Alcínoo, que lhe ofereceu hospedagem. Passa a narrar, então, como foi seu encontro, na passagem da *Odisseia*, IX, 106-547, com Polifemo, o Ciclope⁵, filho de Posídon, que, conforme Homero, vivia afastado dos outros ciclopes e sozinho numa gruta, não precisando plantar e nem cuidar do rebanho, de onde tirava seu sustento.

⁵ Note a etimologia do termo ciclope: composto de ‘*kýklos*’, “círculo, o que é redondo” e de (...) ‘*ôpa*’, (a forma de nominativo é ‘*ops*’) “olho”, donde “o que tem um grande olho redondo” e a sua breve ação mítica: por lutarem ao lado de Zeus, obtiveram a liberdade. Gratos, concederam a Zeus, o trovão, o relâmpago e o raio; a Hades ou Plutão, um capacete que o tornava invisível; a Posídon, o tridente. (BRANDÃO, 1991: CICLOPES)

De modo que o herói heleno aporta sem querer nesta ilha e trata de fazer um reconhecimento com seus doze companheiros. Chegados à gruta, se aproveitaram da fartura dos alimentos, mas foram surpreendidos pelo antropófago Polifemo, que os aprisionou. Após devorar seis dos doze companheiros do nauta grego e receber das mãos deste um vinho saboroso, porém forte, pergunta quem era grego do vinho. A sua resposta foi a do seu sinal heroico⁶, isto é: envolve Polifemo numa rede de razões para que a sua enunciação encontre interação social definitivamente, bisneto que era de Hermes, o deus dos ardis e das trapagens, um *trickster*, ou seja, “polýmētis”, malicioso e hábil, e “polýtropos” – solerte e manhoso, – verso 366: “Ninguém me denomino”. Então, ouve como resposta que será devorado por último e depois dos seus companheiros, dada a gratidão pela gentileza do vinho... e como xênia, quer dizer, acolhimento afetuoso para hóspedes. Quer dizer, a ironia homérica subjaz na enunciação.

Pelo fato de alguém ser possuidor de um terceiro olho, seria dotado de clarividência, que se opõe ao normal: ser dotado de dois olhos. Mas, neste episódio homérico, ser dotado de um único olho simboliza (CHEVALIER & GHEERBRANDT, 1994: CICLOPE) *uma recessão da inteligência, ou sua incipiência*⁷, ou a perda do sentido de certas dimensões e de certas analogias. Ter um olho, ou até um terceiro olho, pode ser não uma condição física, mas uma competência espiritual do Homem em dada instância do olhar: ou seja, uma não percepção plena ou parcial dos órgãos dos sentidos, como a situação de Polifemo, aliás, censurado por Ulisses pelo desrespeito à lei da hospitalidade e pelo mau humor no seu relacionamento social. Mau humor que o isola dos outros ciclopes e, até mesmo, da possibilidade do convívio social com outros humanos, como acentuou Ulisses numa passagem do encontro, o que aliás é uma estratégia enunciativa de Homero, como se verá abaixo.

Essa produção da agressão daqueles seres de um só olho gera uma reação contrária e em sentido oposto, e toma - da parte *patiens ouis iniuriae, a injúria da paciente ovelha*, na metáfora do fabulista Fedro (s. I.) - por escudo um irônico “Ninguém”. Com o ambíguo “Ninguém”, ora como escudo, ora como ataque, Ulisses derrota a voracidade brutal de Polifemo. Eis o que denominamos acima de “máscara”, sendo esses deslocamentos e condensações uma “máscara poética”. Quanto mais

⁶ Os epítetos homéricos têm uma relevância mais consistente do que a simples formalização métrica e função mnemônica para os aedos, elementos tão defendidos nos manuais tradicionais de literatura. Eles denotam a ἀρετή (areté), a “excelência”, e ἰσότης (timé), “a honra pessoal”, já que, como arquétipos que são de nossa condição precária, os heróis suprem, nos epítetos exemplares, nossas deficiências.

⁷ “Incipiência” – é interessante notarmos valor homonímico com “insipiência”, sendo o significado do prefixo “in” do segundo termo “negação” e, o do primeiro, movimento para dentro, lugar onde, intensidade – ou seja, “incipiência” é, rigorosamente, tomar (de capere) a partir de um ponto para dentro... iniciante...

Polifemo gritasse “Ninguém me fere com astúcia, não com força.” e outros Ciclopes, em réplica, disseram: “Se, então, ninguém te agride e estás sozinho, (..)” (v.410) foram embora abandonando Polifemo aos gritos... Homero descreve que eles escaparam, usando o truque de se esconderem embaixo das ovelhas, enquanto Polifemo passava a mão por cima do dorso delas, tangidas por Polifemo para pastarem...

Levantamos a hipótese da percepção fora da condição física de um indivíduo qualquer, porque um ser vivo pode não se aperceber do que se passa em torno de si, mesmo que esteja olhando para o objeto que deveria ser apreendido ou captado pelos sentidos, e sabe-se que a visão é tida como o mais apurado dos órgãos do sentido; no entanto, falta-lhe um traço empírico, de valor mnemônico. É desse modo que, às vezes, encontramos indivíduos com aparência normal, ou seja, com dois olhos, mas inteiramente brancos no que tange ao relacionamento social. E isso independe de sexo, grau de inteligência e escolaridade. Isso de se medir a inteligência das pessoas, por exemplo, porque tire dez em Matemática, pode ser parâmetro equivocado. Para Kant (1724 -1804), há uma realidade sensível, perceptível e palpável, que é o fenômeno ou a coisa em si, tal como existe, e outra, transcendental, que é o númeno – coisas que existem só no entendimento, ou na intuição. São de cunho subjetivo. Aliás, a História registra esses paradoxos culturais, personalidades “ciclópicas” como as de Nero, que foi preparado por Sêneca, o Filósofo, ou a de Hitler, que também teve uma iniciação na educação. Não se quer, com estas considerações, tematizar a educação. Não. As nossas observações são específicas sobre “a personalidade ciclópica”.

Referências:

- BENVENISTE, Émile. *Problemas de Linguística Geral*. São Paulo: Pontes. Vols. I e II.
- BÍBLIA SAGRADA. Tradução e edição autorizada da Bíblia-Valera 1997 (BV897).
- BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia Grega*. Petrópolis: Vozes, 1986. 3 v.
- CÂMARA JR., J. Mattoso. *Dicionário de Filologia e Gramática*. Rio de Janeiro: J. Ozon, s/d.
- CASSIRER, Ernst. *Antropologia Filosófica: Ensaio sobre o Homem. Introdução a uma Filosofia da Cultura Humana*. Tr. de V. F. de Queiroz. São Paulo: Mestre Jou: 1977.
- CARVALHO, Castelar. *Para Compreender Suassure*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- CHEVALIER, J. & GHEERBRANDT, A. *Dicionários de Símbolos*. Tr. Vera Silva et alii. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.

DUBOIS, Jean *et alii*. *Dicionário de Linguística*. Tr. de F. P. de Barros *et alii*. São Paulo: Cultrix, 1978.

HOMERO. *Odisseia*. Edição bilingue. Tradução, posfácio e notas de Trajano Vieira. São Paulo: Editora 34, 2011.

HUIZINGA, J. *Homo Ludens: o Jogo como Elemento da Cultura*. São Paulo: Perspectiva, 1980.

JAPIASSÚ, Hilton e MARCONDEDES, Danilo. *Dicionário Básico de Filosofia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006

KERÉNYI, Carl. *Dioniso: Imagem Arquetípica da Vida Indestrutível*. Tr. Ordep T. Serra. São Paulo: Odysseus, 2002.

PEREIRA, I. *Dicionário Grego-Português e Português-Grego*. Porto:Apostolado, 1976.

PORTELA, Eduardo *et alii*. *Teoria Literária*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1979.

SILVA, Amós Coêlho e MONTAGNER, Aírto Ceolin. *Dicionário Latino-Português*. Petrópolis: Vozes, 2012.